

## **BULLYING ESCOLAR: O USO DE JOGOS DIDÁTICOS COMO ESTRATÉGIA ANTI-BULLYING**

**Cátia Emanuela Augusto Vaz**

Instituto Politécnico de Bragança  
catia.vaz@ipb.pt | ORCID 0000-0001-5771-7510

**Fernando Gil Villa**

Universidade de Salamanca  
gilvi@usal.es | ORCID 0000-0001-6410-2258

### **Resumo**

O objetivo deste estudo é investigar se os professores do 1º Ciclo do Ensino Básico de Portugal consideram pertinente o uso de jogos para a prevenção primária do *bullying* escolar. Quanto ao método, participaram no estudo 276 professores do 1º Ciclo do Ensino Básico dos dois géneros. O instrumento de recolha de dados utilizado nesta investigação é um inquérito por questionário inspirado no Questionário de Olweus construído em 1989<sup>1</sup>, mas adaptado pelos autores à população adulta em estudo. Após análise dos resultados, verificou-se que a maioria dos professores defende que é pertinente que a prevenção do *bullying* escolar se inicie no Ensino Pré-Escolar, uma parte reconhece existir algum instrumento/protocolo de atuação/sinalização para possíveis ocorrências de *bullying* entre crianças no estabelecimento de ensino onde exercem funções e a maioria, defende que aliar o lúdico (jogos didáticos) à educação pode funcionar como um instrumento de prevenção primária e sensibilização das crianças no Ensino Pré-Escolar, para a problemática. As informações obtidas neste estudo são encorajadoras para se proporem mudanças que contribuam para uma prevenção primária do *bullying* através do lúdico/jogo, pois quando bem elaborado e explorado, esta ferramenta pode

---

<sup>1</sup> Em 1982 os jornais da Noruega noticiaram o suicídio de três adolescentes associados a graves episódios de vitimização na escola, o que impulsionou o Psicólogo Dan Olweus, docente da Universidade de Bergen, a aprofundar as suas investigações acerca do *bullying*, tendo para tal construído um questionário em 1989, direcionado para crianças e jovens, que ao longo dos tempos veio a ser aplicado e adaptado por diversos investigadores desta temática, uma vez que a mesma continua a ser um fenómeno pejorativo nas relações sociais em meio escolar e por isso intemporal.



constituir um recurso importante para desenvolver o conhecimento e habilidades, permitindo ao mesmo tempo às crianças adquirir autonomia e aprender a respeitar as regras, proporcionando momentos de comunicação, encorajamento e atitudes positivas e corretas perante os outros.

**Palavras-chave:** *Bullying*; Professores; Prevenção; Jogo.

### **Abstract**

The aim of this study is to investigate whether teachers in the 1st stage of basic education in Portugal consider games for the primary prevention of school bullying to be useful. Overall, 276 teachers participated in the study. The data collection instrument used was a questionnaire survey inspired by the Olweus Questionnaire elaborated in 1989 but adapted for the adult population under study. After analyzing the results, it was found that most teachers agree that the prevention of school bullying should start in pre-primary education. Some of the participants report the existence of an instrument/protocol of action/signaling in response to occurrences of bullying among children at the school where they work. Most participants argue that combining the use of didactic games with education can work as an instrument in the prevention of bullying and raise awareness of the problem among children in pre-primary education. The information obtained in this study proposes a primary prevention of bullying through games, because when well developed and explored, these tools can be an important resource to develop knowledge and skills; at the same time children acquire autonomy and learn to respect rules, while enjoying moments of communication, encouragement, and positive and correct interaction with others.

**Keywords:** Bullying; Teachers; Prevention; Games.

### **Introdução**

Para o conhecimento do significado de uma palavra, há primeiramente que procurar a sua origem. Neste sentido, após consulta do *Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English* (1989), verificou-se que um *bully*, palavra que está na origem da formação do termo *bullying*, é «uma pessoa que utiliza a sua força ou poder para amedrontar ou magoar aqueles que são mais fracos» (p.149). Consultando o *APA Dictionary of Psychology* (Vandebos, 2007) o conceito de *bullying* adquire o



significado de ser um «comportamento ameaçador e agressivo persistente direcionado às pessoas, especialmente aqueles que são menores ou mais fracos» (p.139).

Em 1993, Olweus definiu o conceito de *bullying* afirmando que «uma pessoa está a ser vítima de *bullying* quando se encontra exposta, de forma repetida e ao longo do tempo, a ações negativas da parte de uma ou mais pessoas», enquanto Ramirez (2001) o designa como uma forma de conduta agressiva, intencional e prejudicial, cujos protagonistas são jovens alunos (incluindo crianças em idades cada vez mais precoces).

De acordo com Sharp e Smith (1994), o *bullying* é um abuso sistemático do poder, uma forma de comportamento agressivo, entre pares, deliberada e continuada.

Segundo Pereira (2002), o tema é definido “por comportamentos agressivos de intimidação ao outro e que resultam em práticas violentas exercidas por um indivíduo ou por pequenos grupos, com caráter regular e frequente” (p.16), seguindo esta linha de análise a agressividade é identificada pela intencionalidade de magoar alguém que é alvo de prática agressiva (Pereira, 2008).

Também Gil Villa (2020) considera que «o *bullying* é um fenómeno complexo, difícil de etiquetar previamente de forma protocolizada, porque as causas podem ser diversas» (p. 10). Este vem normalmente provocado por uma explosão de espetáculo e diversão, um ato lúdico à custa do sofrimento das vítimas.

Neste sentido, Antunes e Zuin (2008; Marques, 2005; Neto 2009), enquadram as formas do fenómeno em: emocional/psicológico, verbal, físico, racista, sexual, *cyberbullying* ou relacional/social, enquanto Matos et al. (2009) apontam apenas três: a verbal (insulto, boatos, intimidação, ameaças, mentiras, gozo, troça, comentários ordinários, burlas); a ação (roubo, extorsão, agressão física como bater ou empurrar, dano de objetos, impedir a passagem, abuso ou assédio sexual) e outras formas (gestos obscenos, exclusão de alguém do grupo).

Ao anteriormente referido, Smith (2013), acrescenta a existência de outras formas de *bullying* dirigidas contra grupos que se distinguem por algum aspeto identitário, sendo exemplos o *bullying* racista, o *bullying* baseado nas crenças religiosas (discriminação de indivíduos por aderirem a determinada crença religiosa) e o *bullying* homofóbico.

Apesar das diversas tipificações anteriormente descritas segundo, Gil Villa (2020), o mais lógico é distinguir o maltrato verbal, o físico, o psicológico, o sexual, o



social e o exercido através do telemóvel e da internet o chamado *cyberbullying*.

Como problema mundial que é, o *bullying* pode ocorrer em toda e qualquer escola, não se restringindo a nenhuma específica. A escola é, pois, um dos contextos em que nos dias de hoje o *bullying* mais se faz sentir, uma vez, que é um espaço onde se reúnem muitas crianças.

Na atualidade, são cada vez mais os autores a investigar o fenómeno *bullying*, principalmente o que decorre nas escolas entre alunos (Pereira, Silva & Nunes, 2009) e que corroboram a sua existência. Em Portugal, em um estudo realizado com uma amostra de 200 alunos em escolas publicas das áreas urbanas e rurais do norte do país (Pereira, Almeida, Valente, & Mendonça, 1996) constatou-se que 21% dos alunos referiram já ter sido agredidos por colegas e 18% afirma já ter tido um comportamento agressivo. Neste sentido, e dada a sua complexidade, considera-se que será pertinente elaborar propostas eficazes e diversificadas no que à prevenção diz respeito.

Como problema mundial que é, o *bullying* pode ocorrer em toda e qualquer escola, não se limitando a nenhuma específica.

De acordo com diversos autores o contexto escolar foi o mais explorado no que concerne à produção científica relativamente ao *bullying* e, dentro deste, são apontados vários espaços para a ocorrência deste fenómeno dentro da escola, sendo mais comum em espaços não vigiados (Copeland, 2009; Espinheira & Jóluskin, 2009; Houston, 2007; Marques, 2005; Sebastião, 2009; Walters, 2009).

A escola é, pois, um dos contextos em que nos dias de hoje o *bullying* mais se faz sentir, uma vez, que é um espaço onde se reúnem muitas crianças.

As pesquisas realizadas por Olweus (1993) apontaram que não há relação entre o tamanho da escola e a frequência de casos de *bullying*, isto é, independentemente do tamanho da escola, da sala de aula e até mesmo de sua localização (urbana ou rural, central ou periférica), este flagelo foi e continua a ser na atualidade identificado em todas elas.

Os recreios, corredores, casas de banho, entradas e saídas das escolas são os locais onde o fenómeno ocorre com mais frequência (Lago, Massa & Piedra, 2006).

Para a prevenção da violência e indisciplina nas escolas, Amado e Freire (2002), identificam três frentes de ação: a prevenção primária (intervenção por antecipação), a prevenção secundária (intervenção precoce); e prevenção terciária (intervenção face



aos casos persistentes).

Tendo por objetivo a utilização de jogos na prevenção do *bullying* considera-se que os aspetos lúdicos associados ao pedagógico/educativo presentes nos jogos são importantes estratégias para o ensino e no caso concreto do presente estudo para a prevenção primária.

Desde tempos remotos e tanto quanto foi possível apurar através da pesquisa de literatura, os jogos têm vindo a ganhar um papel de extrema importância para o desenvolvimento das crianças, auxiliando-as no seu processo de aprendizagem. Neste sentido, é importante compreender a ligação entre os conceitos educação e jogo. Ambos os termos adquiriram significados distintos devido às diferentes concepções construídas sobre a infância ao longo dos tempos. Allué (2000) reforçou a ideia da importância do papel do jogo, quer para o desenvolvimento físico quer para o desenvolvimento intelectual, daí ser considerado essencial na infância e ganhar um carácter de gratuidade, prazer e alegria fazendo com que adquira ainda significados como: relacionar-se, divertir-se e aprender.

Rubin et al. (1983, p.698) referem-se ao jogo como uma “disposição comportamental que ocorre em contextos que se podem descrever e reproduzir manifestando-se através de um conjunto de comportamentos observáveis”<sup>2</sup>. Através da utilização do jogo, a criança envolvendo-se física e socialmente e explora o mundo no qual se insere.

Na visão de Jean Piaget (1978), os jogos não funcionam apenas como um passatempo, mas também contribuem para a socialização e desenvolvimento intelectual e cognitivo das crianças. Através desta atividade elas adquirem autonomia, aprendem a respeitar as regras, para além de as auxiliar na organização e desenvolvimento da personalidade, de igual modo, na opinião de Erikson (1974) o jogo deveria estar ligado ao desenvolvimento social e emocional das crianças.

Conforme o raciocínio de Dollabona e Mendes (2004), os termos brincar e aprender acabam por ser sinónimos um do outro, uma vez, que ambos criam um espaço para desenvolver o pensamento, para estabelecer proximidade social, para desenvolver habilidades, conhecimentos e criatividade. A dinâmica entre estes dois conceitos permite ainda reduzir o excesso de egocentrismo, desenvolver a

---

<sup>2</sup> Fonte da pesquisa: Socialization, personality and social development (pp. 694-774)



solidariedade e a empatia.

O aproveitamento dos jogos educativos poderá servir como uma alternativa à aprendizagem, uma vez, que surgirão como um ponto de equilíbrio no que se refere a valores adquiridos.

No que diz respeito ao *bullying* escolar, Neto (1997) frisou a importância de se estudarem os comportamentos agressivos e violentos para que se possam criar programas de intervenção através do jogo. Assim, expondo as palavras de Campos (2010) os jogos «são um convite para a interação, com a capacidade de seduzir e introduzir bons hábitos às crianças» (p.128), podendo ser neste contexto encarado como o instrumento ideal para o combate à problemática do *bullying* escolar. Na perspectiva de Dollabona e Mendes (2004): «se bem aplicada e compreendida, a educação lúdica poderá contribuir para a melhoria do ensino, quer na qualificação ou formação crítica do educando, quer para redefinir valores e para melhorar o relacionamento das pessoas na sociedade» (p. 107).

Atendendo ao conhecimento dos Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico acerca do *bullying*, considerando que este é um problema preocupante que ocorre nos mais diversos locais nas escolas, que implica o envolvimento de diversos atores, pelas mais diversas razões, pela necessidade de apostar na formação de profissionais para a prevenção, este estudo tem como objetivo investigar se os professores do 1º Ciclo do Ensino Básico de Portugal consideram pertinente o uso de jogos para a prevenção primária do *bullying* escolar.

## **Metodologia**

### *Participantes*

Nesta investigação participaram 276 professores do 1º Ciclo do Ensino Básico, sendo 89,9% (248) mulheres e 10,1% (28) homens, a idade média era de 43,56 anos com desvio padrão de 8,77 anos, salientando-se que os valores registados entre homens e mulheres eram muito próximos, tabela 1. A sua escolha enquadrou-se entre o método aleatório simples e o método por conveniência. Inicialmente extraíram-se ao acaso na população de referência um número de elementos fixados como efetivos da amostra (Albarello et al., 1997).



Tabela 1 – Caracterização da amostra por sexo e idade.

Sexo	Frequência		Idade			
	n	%	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Feminino	248	89,9%	21	65	43,33	8,81
Masculino	28	10,1%	33	62	45,64	8,23
Total	276	100%	21	65	43,56	8,77

### *Instrumento*

O instrumento de recolha de dados utilizado foi o inquérito por questionário, para tal foi construído pelos autores da investigação um questionário, baseado no de Olweus (1989) com questões direcionadas não para crianças, mas para os adultos alvo desta investigação e determinadas pelos objetivos da mesma. Na formulação das questões procurou-se ter o máximo de cuidado no sentido de elas serem claras e pertinentes, com vocabulário adequado aos participantes.

O instrumento construído é constituído por três blocos de perguntas: o bloco 1, que consiste de quatro questões referentes aos dados pessoais, o bloco 2, com 14 questões sobre o conhecimento dos professores acerca do *bullying*; por último, o bloco 3 que consiste em seis perguntas sobre a prevenção e o uso de jogos como instrumento de prevenção do *bullying* escolar.

As questões do questionário ministrado foram consideradas essenciais para avaliar o que se pretendia.

Para a sua aplicação foram seguidos princípios éticos e deontológicos de confidencialidade. Através da informação disponibilizada no início de cada questionário todos os participantes ficaram a saber o objetivo da pesquisa a que se destinavam, o carácter anónimo das respostas, a importância da colaboração e a necessidade da sinceridade e confidencialidade nas mesmas sendo ao mesmo tempo alertados para o facto de os dados recolhidos serem utilizados apenas para os fins a que se destinavam.

### *Procedimentos*



Para a aplicação dos questionários foi necessário recorrer ao procedimento de conveniência, através da divulgação nas redes sociais e envio de ofícios a Associações Nacionais de Professores a solicitar a colaboração para divulgação deles aos seus associados e assim se encontrar uma amostra de dimensão necessária à investigação, de destacar ainda, que 15% dos questionários foram autoadministrados. O método por conveniência tem a vantagem de ser rápido, barato e fácil (Hill & Hill, 2009). Trinta e um participantes serviram como elementos para o pré-teste do questionário administrado com a finalidade de detetar qualquer erro possível ou dificuldade, tendo-se posteriormente procedido a alguns ajustes.

A aplicação do questionário foi realizada em duas fases, do mês de julho a outubro de 2017 foram aplicados os questionários de pré-teste, posteriormente de novembro de 2018 a agosto de 2019 foram aplicados todos os questionários destinados à investigação e os dados obtidos foram tabulados e analisados através do programa SPSS versão 24.0 e posteriormente descritos e discutidos.

## Resultados

Quando questionados acerca do conhecimento que tinham sobre o *bullying* todos os inquiridos afirmaram já terem ouvido falar em *bullying*. Assim sendo, foi pedido aos professores que avaliassem o seu conhecimento sobre o tema. A maioria dos professores, 61,2% (169) afirmou que conhecia bem o fenómeno e 30,1% (83) referiu que conhecia muito bem o *bullying*. Contudo, 8,7% (24) dos inquiridos referiu ter pouco conhecimento sobre este assunto, tabela 2.

Tabela 2 – Caracterização do conhecimento sobre *bullying*.

Avaliação do conhecimento sobre <i>bullying</i>	Respostas	
	n	%
Conheço muito bem este fenómeno	83	30,1%
Conheço bem este fenómeno	169	61,2%
Conheço pouco deste fenómeno	24	8,7%
Total	276	100%

Atendendo aos resultados obtidos concluiu-se que a maioria dos inquiridos,



56,5% (156) vivenciou na sua infância ou juventude o fenómeno de *bullying*. Somente 23,2% (64) dos professores afirmaram ter tido na sua formação académica estudos sobre esta problemática. Por outro lado, 37,0% (102) dos professores já teve formação sobre o fenómeno enquanto profissional e destes 73 afirmaram que a formação respondeu às suas dúvidas. Dos 174 professores que nunca teve formação sobre *bullying* 69,0% afirmou que já sentiu necessidade de tal formação.

A maioria dos professores participantes no estudo, 92,0% (254) considerou que o *bullying* é atualmente um problema preocupante nas escolas, tabela 3.

Tabela 3 – Caracterização da experiência com *bullying* e formação sobre o fenómeno.

Questões	Opção	n	%
Durante a sua infância/juventude vivenciou o fenómeno de <i>bullying</i> ?	Sim	156	56,5%
	Não	120	43,5%
	Total	276	100%
Durante a sua formação académica estudou esta problemática?	Sim	64	23,2%
	Não	212	76,8%
	Total	276	100%
Enquanto profissional já teve formação sobre o <i>bullying</i> ?	Sim	102	37,0%
	Não	174	63,0
	Total	276	100%
Se teve formação, considera que essa respondeu às suas dúvidas?	Sim	73	71,6%
	Não	29	28,4%
	Total	102	100%
Se não, já sentiu necessidade dessa formação?	Sim	120	69,0%
	Não	54	31,0%
	Total	174	100%
Atualmente considera que o <i>bullying</i> é um problema preocupante nas escolas?	Sim	254	92,0%
	Não	22	8,0%
	Total	276	100%



No que diz respeito à percepção que os professores inquiridos têm sobre a prevenção primária do *bullying* escolar, concluiu-se que a maioria dos professores, 96,0% (265), defende que é “pertinente que a prevenção do *bullying* escolar se inicie na Educação Pré-Escolar”: assim como 95,3% (263) considera “vantajoso que a prevenção primária do *bullying* escolar se inicie na Educação Pré-Escolar”. Da mesma forma, a maioria, 97,5% (269), dos professores inquiridos defende que é “pertinente haver formação para profissionais, sobre *bullying*, nas escolas”, tabela 4.

Tabela 4 – Caracterização da prevenção primária do *bullying* na opinião dos Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Questões	Opção	n	%
Considera pertinente que a prevenção do <i>bullying</i> escolar se inicie na Educação Pré-Escolar?	Sim	265	96,0%
	Não	11	4,0%
	Total	276	100%
Considera vantajoso que a prevenção do <i>bullying</i> escolar se inicie na Educação Pré-Escolar?	Sim	263	95,3%
	Não	13	4,7%
	Total	276	100%
Acha pertinente haver formação para profissionais, sobre <i>bullying</i> nas escolas?	Sim	269	97,5%
	Não	7	2,5%
	Total	276	100%
No seu estabelecimento de ensino existe algum instrumento/protocolo de atuação/sinalização para possíveis ocorrências de <i>bullying</i> entre crianças?	Sim	92	33,3%
	Não	184	66,7%
	Total	102	100%

Quanto à existência de algum instrumento/protocolo de atuação/sinalização para possíveis ocorrências de *bullying* entre crianças no estabelecimento de ensino onde exercem funções, 66,7% (184) afirmaram que não, enquanto 33,3% (92) dos professores confirmam que existe.

Quanto à prevenção feita nas escolas para o fenómeno de *bullying* a maioria dos professores, 55,43% (153), afirmaram que “é um fenómeno cada vez mais visível nas



escolas, mas em termos de prevenção primária ainda há muito a fazer” e 33,70% (93) referiram que “a prevenção primária existe nas escolas, mas deve ser reforçada/melhorada para surtir efeitos”.

No que respeita ao entendimento dos professores sobre o aliar o lúdico à educação como instrumento de prevenção primária e sensibilização das crianças a maioria dos professores, 96,01% (265) defendeu que aliar o lúdico (jogos didáticos) à educação poderia funcionar como o instrumento de prevenção primária e sensibilização das crianças quer na Educação Pré-Escolar, quer no 1º Ciclo do Ensino Básico para a problemática, tabela 5.

Tabela 5 – Entendimento dos Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico sobre o aliar o lúdico à educação como instrumento de prevenção primária do *bullying* e sensibilização das crianças.

Deve-se aliar o lúdico à educação como instrumento de prevenção primária do <i>bullying</i>	Respostas	
	n	%
Sim	265	96,0%
Não	11	4,0%
Total	276	100%

Por ultimo, na tabela 6, apresentam-se os resultados do cruzamento do entendimento dos professores sobre o aliar o lúdico à educação como instrumento de prevenção primária com as variáveis: avaliação dos professores sobre o conhecimento de *bullying*; vivência do fenómeno na infância/juventude; estudo da problemática durante a formação académica; formação sobre o fenómeno enquanto profissional; pertinência da prevenção primária; vantagem da formação primária no Pré-Escolar; pertinência de formação para profissionais e existência de protocolo de atuação na escola em caso de ocorrência de *bullying*. Também se apresentam os resultados do teste exato de Fisher, dado que não se verifica as condições do teste do Qui-quadrado.

Pela aplicação do referido teste concluiu-se que o entendimento dos professores sobre o lúdico como instrumento de prevenção primária, a maioria defende que sim



(265 professores), é estatisticamente independente de todas as variáveis em análise.

Tabela 6 – Cruzamento do entendimento dos Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico sobre o aliar o lúdico à educação como instrumento de prevenção primária do *bullying* com outras variáveis.

Variável		Aliar o lúdico à educação com instrumento de prevenção primária do <i>bullying</i>		Total n (%)	Teste de Fisher ET (p)
		Sim n (%)	Não n (%)		
Avaliação do conhecimento de <i>bullying</i>	Conheço muito bem	79 (29,8)	4 (36,4)	83 (30,1)	0,620 (0,717)
	Conheço bem	162 (61,1)	7 (63,6)	169 (61,2)	
	Conheço pouco	24 (9,1)	0 (0,0)	24 (8,7)	
	Total	265 (100)	11 (100)	276 (100)	
Vivenciou o fenómeno na juventude	Sim	152 (57,4)	4 (36,4)	156 (56,5)	1,894 (0,218)
	Não	113 (42,6)	7 (63,6)	120 (43,5)	
	Total	265 (100)	11 (100)	276 (100)	
Na formação académica estudou o fenómeno	Sim	60 (22,6)	4 (36,4)	64 (23,2)	1,117 (0,286)
	Não	205 (77,4)	7 (63,6)	212 (76,8)	
	Total	265 (100)	11 (100)	276 (100)	
Enquanto profissional teve formação	Sim	101 (38,1)	1 (9,1)	102 (37,0)	3,818 (0,059)
	Não	164 (61,9)	10 (90,9)	10 (90,9)	
	Total	265 (100)	11 (100)	276 (100)	
Considera pertinente a prevenção primária	Sim	256 (96,6)	9 (81,8)	265 (96,0)	6,034 (0,065)
	Não	9 (3,4)	2 (18,2)	11 (4,0)	
	Total	265 (100)	11 (100)	276 (100)	
Considera vantajoso que a prevenção comece na Pré-Escolar	Sim	254 (95,8)	9 (81,8)	263 (95,3)	4,633 (0,089)
	Não	11 (4,2)	2 (18,2)	13 (4,7)	
	Total	265 (100)	11 (100)	276 (100)	
Acha pertinente haver formação para profissionais	Sim	259 (97,7)	10 (90,9)	269 (97,5)	1,991 (0,250)
	Não	6 (2,3)	1 (9,1)	7 (2,5)	
	Total	265 (100)	11 (100)	276 (100)	
Existe protocolo de atuação em caso de <i>bullying</i>	Sim	89 (33,6)	3 (27,3)	92 (33,3)	0,189 (0,757)
	Não	176 (66,4)	8 (72,7)	184 (66,7)	
	Total	265 (100)	11 (100)	276 (100)	

n - frequência absoluta observada; % - frequência relativa; ET - estatística do teste; p- valor de prova.

Assim sendo, pode-se afirmar que independentemente do conhecimento sobre o fenómeno, independentemente da experiência vivida, da formação obtida em termos académicos ou profissional, da pertinência e vantagem da prevenção primária (Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico) e importância da formação



específica sobre *bullying* para profissionais os professores em estudo defendem que o lúdico é um instrumento de prevenção primária e sensibilização das crianças quer na Educação Pré-Escolar quer no 1º Ciclo do Ensino Básico.

### **Análise de Resultados**

Nesta pesquisa verificou-se que todos os professores inquiridos conheciam bem o fenómeno do *bullying* sendo esta perceção acrescida pelo facto de a maioria referir ainda conhecer muito bem o fenómeno. Logo participaram da pesquisa pessoas interessadas de alguma forma no tema.

No estudo realizado por Silva et al. (2014), os professores revelaram que conhecem o *bullying* o que vai ao encontro de restantes achados da literatura, no entanto, um outro estudo dos mesmos autores realizado numa escola pública do Brasil, revelou que os professores conhecem o fenómeno *bullying*, porém de modo incompleto. Acrescentaram ainda que não se encontram preparados para enfrentar este fenómeno que dizem complexo, o que vai ao encontro do referido por alguns dos intervenientes desta pesquisa, quando afirmam que têm pouco conhecimento sobre este assunto, contrariando ao mesmo tempo a maioria que refere conhecer muito bem o fenómeno.

Nesta linha de pensamento pode ainda destacar-se um outro estudo realizado na Universidade Federal de Minas Gerais, onde foi identificado que cerca de metade dos professores não sabia dar informações acerca de os alunos sofrerem ou não de *bullying* (Silva, et al., 2017a). Num outro estudo dos mesmos autores (Silva, et al., 2017b) realizado com 17 professores de cinco escolas publicas de São Paulo, concluiu-se que apenas 17% dos docentes, tinham consciência sobre o *bullying*, com conhecimentos teóricos e críticos sobre as formas de produção do fenómeno.

No que diz respeito á formação sobre a problemática do *bullying*, embora alguns dos inquiridos tenham feito abordagens durante a formação académica e formação enquanto profissionais, uma grande percentagem de professores nunca teve formação sobre *bullying*, em contrapartida todos sentem necessidade de tal. De encontro a estes dados surgem diversos estudos, Yoon e Bauman (2014), evidenciam que os professores não são preparados de forma eficiente para enfrentar o fenómeno do *bullying* escolar, concluindo ao mesmo tempo que a maioria dos professores reconhece a necessidade de abordagem sobre como intervir em situações de *bullying*. Os autores acrescentam ainda que são poucos os programas que fornecem formação



adequada aos professores e quando esta acontece tem tendência a concentrar-se em informação teórica.

Num estudo realizado por Silva et al. (2013), os professores abordados referem que as situações de violência escolar são complexas necessitando por isso de intervenções mais abrangentes e articuladas. Silva e Rosa (2013) realçam também a necessidade de rever os programas de formação inicial e continuada dos professores para poderem atuar mais eficazmente perante desafios de violência escolar, em especial o *bullying*, os mesmos autores acrescentam ainda que a realização de debates e palestras é insuficiente para uma intervenção eficaz sendo imprescindíveis novas investigações no âmbito das instituições formadoras com vista a realizarem uma revisão dos modelos adotados. Neste contexto Oliveira (2012) acrescenta que os professores, perante as diversas formas de violência escolar e sem formação adequada e orientação especializada, tornam-se impotentes no que respeita a lidar com manifestações de conflitos, não conseguindo, ao mesmo tempo, atuar com eficiência. Os estudos revelam ainda que os professores se sentem impotentes perante atos de violência no ambiente escolar tendo consciência de que as suas ações são ineficazes muito por culpa de não terem sido formados adequadamente no âmbito da problemática. O estudo de Eynng et al. (2009) é exemplo destas conclusões quando suscita que os processos de formação de docentes tenham como desafio a construção de diversas competências nos professores, com o objetivo de os transformar em agentes promotores do diálogo, sabendo valorizar a diversidade numa perspetiva igualitária.

A maioria dos inquiridos considerou o *bullying* um problema cada vez mais preocupante nas escolas, neste sentido, defendem que é pertinente e vantajoso que a sua prevenção se inicie na Educação Pré-Escolar. Embora sejam escassos, ou até mesmo inexistentes, os estudos acerca da prevenção primária do *bullying* a partir da Educação Pré-Escolar esta deve ser considerada como um primeiro campo a intervir na prevenção do *bullying* em contexto escolar. Se em termos do 1º Ciclo muito se tem dito acerca do *bullying* escolar, acerca do que ocorre no contexto Pré-Escolar pouco se tem vindo a estudar. Destaca-se aqui apenas o estudo de Crick et al. (1999) realizado com crianças em idade Pré-Escolar e um outro referido por Kishimoto (2001), também abrangendo o mesmo público.

A pertinência de haver formação para profissionais, sobre *bullying*, nas escolas é defendida por todos inquiridos indo ao encontro do que aponta a literatura que propõe



a ampliação das ações destinadas à formação docente, principalmente, no que respeita à formação conceitual, com a finalidade de fortalecer a vasta teoria, fundamental e necessária para enfrentar o *bullying* no meio escolar. Estudos revelam ainda que, quando os professores têm pouca consciência sobre o fenômeno, não há lugar a uma intervenção pedagógica e muito menos à superação do problema no meio escolar (Silva et al., 2017b). Pesquisadores como Neto (2005); Martins (2005); Botelho e Souza (2007); Pereira et al. (2009); Pereira et al. (2011); Fisher (2012) demonstraram que para prevenir o fenômeno do *bullying* é necessário envolver toda a comunidade escolar. As intervenções na escola que envolvam ações intersectoriais, de acordo com diversos estudos, são mais eficazes (Smith et al., 2004; Pereira et al., 2009; Pereira et al., 2011).

No que respeita à existência de um instrumento/protocolo de atuação/sinalização para possíveis ocorrências de *bullying* entre crianças no estabelecimento de ensino onde os inquiridos exercem funções constata-se que ele existe, mas não para todos, o que não acontece em escolas de alguns países, tal como referem Silva et al. (2013) em um estudo realizado no Brasil, mais concretamente na cidade de Uberaba, demonstrou-se a ausência de um projeto escolar de combate ao *bullying* e a falta de articulação entre profissionais.

Indo ao encontro do que aponta a literatura, os professores que participaram no estudo, perante as opções de resposta propostas no questionário, mencionaram estar conscientes de que o fenômeno do *bullying* é cada vez mais visível nas escolas, mas em termos de prevenção primária ainda há muito a fazer pois, embora a mesma exista, esta deve ser reforçada/melhorada para surtir efeitos.

### **O Jogo como Forma de Prevenção do *Bullying***

Desde tempos remotos e tanto quanto foi possível apurar através de pesquisa de diversos estudos, os jogos têm vindo a ganhar um papel de extrema importância para o desenvolvimento das crianças, auxiliando-as no seu processo de aprendizagem. Neste sentido, é importante compreender a ligação entre os conceitos educação e jogo. Ambos os termos adquiriram significados distintos devido às diferentes concepções construídas sobre a infância ao longo dos tempos.

Com o avançar dos anos o jogo foi qualificado como útil no crescimento intelectual dos alunos e valorizado como um dos meios mais eficazes de educar as crianças e não como um fim em si mesmo.



Na perspetiva de Huizinga (2008) “toda e qualquer atividade humana é jogo”. Ele afirma que existe uma ligação forte entre jogo e cultura. Para o autor, o jogo é fundamental para a civilização, sendo através dele que ela surge e se desenvolve. Este vê o jogo sempre ligado a algum propósito e a sua existência definida por algum motivo, que não o próprio jogo, acrescentando que:

O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da vida quotidiana. (p. 33)

A ludicidade é também entendida pelas Ciências Sociais do ponto de vista objetivo e externo ao sujeito. O jogo, é um facto social, ou seja, está relacionado à imagem que a sociedade tem do mesmo (*ibidem*).

Para Cunha (2005) os jogos desempenham um carácter universal e imprescindível no desenvolvimento infantil, sendo necessário para a maturação da criança e têm um impacto considerável na educação e terapia.

Muitas vezes o aproveitamento dos jogos educativos conseguirá servir como uma alternativa à aprendizagem, uma vez, que surgirão como um ponto de equilíbrio no que se refere a valores adquiridos (Marcelli, 2005).

Com relação à pertinência de aliar o lúdico à educação como instrumento de prevenção primária e sensibilização das crianças para a problemática do *bullying*, verificou-se que os professores defendem a alienação do lúdico (jogos escolares) à educação quer no Ensino Pré-Escolar, quer no 1º Ciclo do Ensino Básico para a problemática.

Este resultado vai ao encontro do defendido no século XVIII por Rousseau e Pestalozzi quando destacaram a importância dos jogos como instrumento formativo, de acordo com o apurado em revisão bibliográfica realizada.

Embora os investigadores ao longo dos tempos se tenham preocupado mais com o jogo dramático e o jogo simbólico no desenvolvimento cognitivo das crianças e embora alguns atores apontem para o aparecimento dos jogos educativos no século XVI, os estudos realizados por Kishimoto (2003) verificaram que os primeiros estudos em torno do tema se verificam na Grécia e Roma. As pesquisas realizadas, no início do século XX, variam de intensidade conforme as contingências políticas e sociais de



cada época, no entanto nos anos 70 ressurgem os estudos psicológicos sobre o jogo infantil, estimulados por Jean Piaget (1971).

Atualmente são cada vez mais os autores a investigar o fenómeno *bullying*, principalmente no que diz respeito às escolas, existem também diversos estudos da percepção dos professores do 1º Ciclo do Ensino Básico acerca do fenómeno, (Smith, 2004; Neto, 2006; Pereira et al., 2009), mas são pouco visíveis os estudos relacionados com o jogo como prevenção do *bullying*. No entanto, realça-se em Portugal o trabalho realizado por Marques (2017) com crianças de 1º Ciclo da área de educação física e que constou da investigação ao longo de um ano no recreio escolar com o objetivo de distinguir entre jogo de luta e *bullying* neste espaço através dos jogos que as crianças realizavam durante este período de diversão. Para os professores do 1º Ciclo do Ensino Básico, muitos jogos de luta transformam-se em situações sérias, sendo esta opinião, segundo Sharp e Smith (1994), baseada nos poucos casos em que tal acontece. Para a maioria das crianças, apenas 1% dos jogos de luta se transforma em luta a sério (Smith et al., 2003).

Estudos, ainda que não publicados, aparecem na revisão da literatura indo ao encontro da importância da utilização dos jogos educativos como estratégia para minorar a violência nas escolas permitindo às crianças trabalhar de forma cooperativa, desenvolver pensamento crítico e saber atuar na resolução de problemas.

Complementando esta visão Tesani (2004) argumenta que o jogo é essencial como recurso pedagógico, pois no brincar a criança articula teoria e prática, formula hipóteses e experiências, tornando a aprendizagem atrativa e interessante.

O lúdico assume um papel importante na formação cognitiva, afetiva e social da criança de modo que, através dele, é possível possibilitar a socialização e a integração da mesma na sociedade.

### **Considerações Finais**

Os estudos sobre o *bullying* escolar não são recentes, o primeiro surgiu em 1982 pelas mãos de Dan Olweus, na Noruega, esta temática continua atualmente a preocupar de forma intensa todas as instituições e a globalidade dos professores, educadores e pais, sendo um problema complexo, este adquire formas muito específicas que é necessário compreender para poder intervir. Neste sentido a formação dos professores é fundamental, pois são os que podem prevenir e detetar



mais facilmente este problema nas escolas, ainda que para tal seja necessário contarem com a formação inicial e permanente e ao mesmo tempo com o apoio de toda a sociedade.

Strech (2004) enfatiza a importância que todos devemos ter na prevenção do *bullying*, realçando a importância da atuação dos pais, dos educadores e dos professores.

Não basta tomar conhecimento e criticar problemáticas da sociedade, torna-se relevante atuar de forma ativa apostando na prevenção primária no que ao fenómeno do *bullying* diz respeito. Partindo do pressuposto que a atividade lúdica é de extrema importância na vida das crianças, para além de contribuir para o seu desenvolvimento, poderá também ter um papel primordial como instrumento de prevenção do *bullying* escolar.

Podemos então interrogar-nos acerca da pertinência da utilização de jogos didáticos para a prevenção primária do *bullying* e mais concretamente no Ensino Pré-Escolar. Se por um lado é urgente avançar para a intervenção primária como forma de prevenir e reduzir o *bullying* escolar, por outro é necessário criar instrumentos facilitadores desta tarefa cada vez mais pertinente e complexa.

O uso de jogos, como recurso educativo, tem início a partir do Renascimento (Kishimoto, 2003).

Os exemplos encontrados na revisão da literatura acerca dos resultados positivos obtidos por meio da aplicação de jogos na construção do conhecimento e no desenvolvimento da formação global das crianças, favorecendo a motivação, o raciocínio e argumentação entre professores e alunos, reforçaram a crença da sua importância enquanto estratégia, não só para o ensino em geral e aprendizagem de conceitos, mas também para o contributo da prevenção primária da problemática do *bullying* e mais concretamente através da utilização de jogos educativos.

Analisados os dados da presente investigação destacam-se como principais conclusões, a unanimidade dos participantes em afirmar conhecer o fenómeno do *bullying*, embora haja mais professores a conhecê-lo bem verificou-se que os mesmos não tiveram assim tanta formação durante o curso acerca do fenómeno, no entanto, este não deixa de constituir um problema preocupante da atualidade e mais concretamente das escolas.

Quando se referiram à prevenção primária do *bullying* existente na instituição



onde trabalham, os professores consideraram pertinente e vantajoso que a prevenção se inicie no Ensino Pré-Escolar, assim como deverá existir formação para estes e outros profissionais acerca do *bullying* nas escolas. No que respeita a aliar o lúdico à educação como instrumento de prevenção primária e sensibilização das crianças quer na Educação Pré-Escolar quer no 1º Ciclo, consideraram que poderia funcionar como instrumento de prevenção.

Verificou-se, por último, que o *bullying* é um fenómeno cada vez mais visível nas escolas, mas em termos de prevenção ainda há muito que fazer e muito embora esta exista, deverá ser reforçada/melhorada para surtir melhores efeitos.

Atendendo ao exposto anteriormente, o esforço desta investigação é para que o jogo possa ganhar espaço não só como ferramenta de aprendizagem, mas também como instrumento educativo para a prevenção primária da violência e na maioria das vezes consequente *bullying* escolar em idades cada vez mais precoces.

### Referências Bibliográficas

- Albarello, L., Digneffe, F., Hiernaux, J., Maroy, C., Ruquoy, D., & Saint-Georges, P. (1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva-Publicações Lda.
- Allué, M. (2000). *Jogos para crianças*. Marina Editores, Lda.
- Amado, J., & Freire, I. (2002). *Indisciplina e violência nas escolas. Compreender para prevenir*. Edições ASA.
- Antunes, D. & Zuin, A. (2008). Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Psicologia Social*, 20, 33-41.
- Botelho, G., & Sousa, C. (2007). Bullying e Educação Física na escola: Características, casos, consequências e estratégias de intervenção. *Revista de Educação Física*, 139, 58-70.
- Campos, N. (2010). O Jogo e o Brincar num Contexto Pedagógico na Educação Infantil. *Revista Conteúdo*, 3, 117-128.
- Copeland, D. (2009). *Bullying in Public Schools in Missouri*. [Tese de doutoramento, apresentada à Liberty University].
- Cunha, A. P. (2005). *Bullying – descrição e comparação de práticas agressivas em modelos de recreio escolar em crianças do 1º ciclo*. [Dissertação de Mestrado, apresentada na Universidade do Porto].
- Crick, N., Casas, J., & Ku, H. (1999). Relational and physical forms of peer



- victimization in preschool. *Development Psychology*, 35, 376-385.
- Dollabona, S., & Mendes, S. (2004). O Lúdico na Educação Infantil: Jogar, brincar, uma forma de Educar. Curso de Especialização em Psicopedagogia. *Revista de divulgação Técnico-científica do ICPG*, 1, 107-112.
- Erikson, E. (1974). *Dimensions of a New Identity*. Col: *Jefferson Lectures in the Humanities*. New York: W. W. Norton & Company.
- Espinheira, F., & Jóluskin, G. (2009). Violência e bullying na escola: Um estudo exploratório no 5º ano de escolaridade. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 6, 106-115.
- Eying, A., Gisi, M., & Ens, R. (2009). Violências nas escolas e Representações Sociais: um diálogo necessário no cotidiano escolar. *Revista Diálogo Educacional. Curitíva*, 9, 467-480.
- Fisher, H. L., Moffitt, T. E., Houts, R. M., Belsky, D. W., Arseneault, L., & Caspi, A. (2012). Bullying victimisation and risk of self harm in early adolescence: longitudinal cohort study. *BMJ: British Medical Journal*, 344, e2683.
- Gil-Villa, F. (2020). *El bullying que no cessa. Las bases de la violencia escolar*. Editorial Octaedro.
- Hill, M., & Hill, A. (2009). *Investigação por Questionário*. (2ªed). Edições Sílabo, Lda.
- Houston, K. (2007). *Are There Differences in Bullies? An Analysis of Bullying and Social Skills*. [Tese de doutoramento, apresentada à University of Georgia].
- Huizinga, J. (2008). *Homo Ludens*. Perspectiva.
- Kishimoto, M. (2001). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação* (5ª ed). Cortez Editora.
- Kishimoto, M. (2003). *Jogos Infantis: O jogo, a criança e a educação*. Editora Vozes.
- Lago, A., Massa, P., & Piedra, R. (2006). Crianças contra crianças: o bullying, uma perturbação emergente. *Revista Anales de Pediatría*, 64(2), 162-166.
- Lopes Neto, A. (2005). Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatría*, 81, 164-172.
- Marcelli, D. (2005). *Infância e psicopatologia*. Climepsi.
- Marques, M. (2005). *Jogo de luta e bullying no recreio escolar*. [Tese de doutoramento, apresentada à Universidade Técnica de Lisboa].
- Marques, A. (2017). *Jogo de luta e bullying no recreio escolar. Como distinguir entre Jogo de Luta e Luta a Sério no recreio escolar para uma intervenção consciente*. Editora: Novas Edições Académicas.



- Martins, M. (2005). O problema da violência escolar: Uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. *Revista Portuguesa de Educação*, 18, 93-115.
- Matos, M; Simões, C. & Gaspar, T. (2009). Violência entre pares no contexto escolar em Portugal nos últimos 10 anos. *Interacções*, 13, 98-134.
- Neto, C. (1997). Tempo e espaço de jogo para a criança: rotinas e mudanças sociais. In C. Neto (Ed.), *Jogo e desenvolvimento da criança* (pp. 10-22). Edições FMH-UTL.
- Neto, C. (2009). Os comportamentos de bullying e o recreio escolar (pp. 22-34). In *Construção e reparação da vida psíquica em meio escolar – Actas do IV Encontro do Centro Doutor João dos Santos – Casa da Praia*.
- Oliveira, J. E. C. (2012). *Violência Escolar: os Gestores, as interfaces com as unidades de apoio e as dificuldades de enfrentamento*. Biblioteca 24horas.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school*. Blackwell Publishers.
- Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English (5th ed). (1989). Oxford University Press.
- Pereira, B., Almeida, A., Valente, L., & Mendonça, D. (1996). O Bullying nas escolas portuguesas: Análise e variáveis fundamentais para a identificação do problema. In L. Almeida, J. Silvério, & S. Araújo (Eds.). *Actas do 2º Congresso Galaico-Português de Psico-Pedagogia* (pp. 71-81). Universidade do Minho, Braga.
- Pereira, B. (2002). *Para uma escola sem violência. estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pereira, B. (2008). Recreios escolares e prevenção da violência: dos espaços às actividades. In B. Pereira, G. S. Carvalho, (Eds.). *Actividade Física, Saúde e Lazer. Modelos de Análise e Intervenção*. LIDEL, Edições Técnicas, Lda.
- Pereira, B, Silva, H., & Nunes, B. (2009). Descrever o bullying na escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. *Revista Diálogo Educacional*, 9, 455-466.
- Piaget, J. (1971). *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo imagem e representação*. Zahar.
- Piaget, J. (1978). *A formação do símbolo: imitação, jogo e sonho*. Guanabara Kaoam.
- Ramirez, F. (2001). *Condutas agressivas na idade escolar*. Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda.
- Rubin, K., Fein, G., & Vandenberg, B. (1983). Play. In P. H. Mussen (Ed.) *Handbook of child psychology, Volume IV – Socialization, personality and social development* (pp. 694-774). New York: John Wiley & Sons.



- Sebastião, J. (2009). Violência na Escola: Uma Questão Sociológica. *Interacções*, 13, 35-62.
- Silva, E., & Rosa, E. (2013). Professores sabem o que é o bullying? Um tema para a formação docente. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 17, 329-338.
- Silva, J., Bazon, M., Cecílio, S., & Oliveira, W. (2013). Bullying na sala de aula: percepção e intervenção de professores. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65, 121-137.
- Silva, J., Bazon, M., Cecílio, S., & Oliveira, W. (2014). Bullying: Conhecimentos, Atitudes e Crenças de Professores. *Revista Psico*, 45, 147-156.
- Silva, M., Tavares, R., Araújo, M., & Ribeiro, M. (2017). Percepção dos Professores de Medicina de uma Escola Pública Brasileira em relação ao sofrimento psíquico de seus alunos. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 41, 432-441.
- Silva, P., Freller, C., Alves, L., & Saito, G. (2017). Limites da consciência de professores a respeito dos processos de produção e redução do bullying. *Revista Psicologia*, 28, 44-56.
- Smith, P., Cowie, H., & Blates, M. (2003). *Blackwell handbook of child development* (4<sup>a</sup> ed). Oxford: Blackwell Publishing.
- Smith, P., Pepler, D., & Rigby, K. (2004). *Bullying in schools: How successful can interventions be?* Cambridge University Press.
- Smith, P. K. (2013). School bullying. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 71, 81-98.
- Sharp, S., & Smith, P. K. (1994). *Tackling Bullying in your school. A practical handbook for teachers*. Routledge.
- Strecht, P. (2004). *Quero-te. Muito - Crônicas para Pais sobre Filhos*. Assírio & Alvim.
- Tesani, T. (2006). O jogo e os processos de aprendizagem e desenvolvimento: aspectos cognitivos e afetivos. *Educação em Revista*, 7, 1-16.
- VandeBos, G. R. (2007). *APA dictionary of psychology*. American Psychological Association.
- Walters, M. (2009). *Recognizing Bullying as Aggression: A Guide for School Counselors*. [Tese de mestrado, apresentada à University of Wisconsin-Stout].
- Yoon, J., & Bauman, S. (2014). Teachers: A Critical but Overlooked Component of Bullying Prevention and Intervention. *Theory into Practice*, 53, 308-314.